

RMC registra o melhor outubro em exportações dos últimos 12 anos

Edmarcio A. Monteiro
edmarcio.augusto@rac.com.br

As exportações da Região Metropolitana de Campinas (RMC) em outubro somaram US\$ 484,14 milhões (R\$ 2,8 bilhões), recorde para o mês em 12 anos e o maior resultado mensal desde setembro de 2023. O valor representou aumento de 0,68% em comparação aos US\$ 480,99 (R\$ 2,78 bilhões) de outubro do ano passado, melhor resultado anterior para o período, revelou o estudo da balança comercial divulgado pelo Observatório PUC-Campinas com base em dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. No mês passado, a RMC também registrou, pelo segundo mês consecutivo, o melhor resultado nas vendas ao exterior em 2024 e o maior desempenho em 14 meses, inferior apenas aos US\$ 489,59 (R\$ 2,83 bilhões) registrados em agosto de 2023.

Estados Unidos são o principal destino das exportações da região

As exportações da região representaram 6,78% das vendas ao exterior do Estado de São Paulo no mês passado, de acordo com o levantamento. As importações no mês passado somaram US\$ 1,57 bilhão (R\$ 9,09 bi), recorde dos últimos 24 meses. O montante ficou atrás apenas do US\$ 1,74 bilhão (R\$ 10,07 bilhões) de outubro de 2022. O valor do mês passado representou um aumento de 20,57% em comparação aos US\$ 1,3 bilhão (R\$ 7,52 bilhões) de outubro de 2023. Os dados da balança comercial evidenciaram a manutenção do crescimento da atividade industrial na RMC.

“Esse cenário é compatível com uma atividade industrial em alta”, afirmou o economista Paulo Ricardo da Silva Oliveira, responsável pelo estudo do Observatório PUC-Campinas. Apesar da alta dos juros no país, ele indicou a possibilidade de bons resultados no próximo ano. “Para o ano que vem, não tem nada no radar que esteja indicando uma reversão desse cenário positivo”, disse o especialista, também professor da PUC-Campinas.

Para ele, o desempenho industrial da região é impulsionado pelo aumento do consumo das famílias. “A gente está vendo novamente uma retomada. Isso puxa a indústria e podemos observar os resultados positivos”, analisou. A participação da RMC nas importações paulistas foi de 20,75%, apontou o Observatório PUC-Campinas. A Região Metropolitana fechou o 10º mês deste ano com um déficit de US\$ 1,08 bilhão (R\$ 6,25 bilhões), de acordo com o Observatório. A alta foi de 32,13% em comparação aos US\$ 822,68 milhões (R\$ 4,76 bilhões) de outubro de 2023.

CONQUISTA

Um dos maiores fabricantes mundiais de pneus acabou de conquistar novos mercados para exportar a partir de suas duas fábricas no Brasil, uma em Campinas e a outra em Feira de Santana-BA. As duas plantas passaram a fornecer o produto para os Estados Unidos e países da Europa em setembro. Antes, a América Latina concentrava o recebimento do produto exportado. A conquista dos novos mercados ocorreu principalmente por que alguns modelos de pneus voltados para os mercados estadunidense e europeu foram desenvolvidos pela equipe de engenharia da empresa em Campinas, com o Brasil sendo o único país do mundo onde são produzidos.

“Temos competência para desenvolver e produzir localmente pneus para o exterior”, afirmou o diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da empresa, Romi Viana. A linha de pneus, por exemplo, para o veículo mais vendido nos Esta-



As exportações da região representaram 6,78% das vendas ao exterior do Estado de São Paulo no mês passado, de acordo com o levantamento Paulo Ricardo da Silva Oliveira, economista responsável pelo estudo do Observatório PUC-Campinas, avaliou que os números positivos devem continuar no próximo ano

SALDO POSITIVO

Exportações feitas pela RMC em outubro somam maior valor para o mês em 12 anos

Montante acumulado de R\$ 2,8 bilhões é o maior desde setembro de 2023, de acordo com o Observatório PUC-Campinas



Uma das maiores empresas fabricantes de pneus, com uma fábrica em Campinas, conquistou novos mercados em setembro, passando a exportar para os Estados Unidos e também para países da Europa

dos Unidos há 47 anos consecutivos. Em 2024, a multinacional anunciou investimento de R\$ 200 milhões para a construção de um novo laboratório de desenvolvimento de produtos e um centro de distribuição em Campinas.

A decisão da matriz italiana de tornar o Brasil base de fornecimento de alguns produtos, segundo o diretor, se deu pelo alto nível de qualidade das fábricas nacionais, capazes de produzir pneus do mesmo nível dos fabricados na Europa e nos Estados Unidos. O novo laboratório é o maior da empresa fora da Itália. “Queremos fazer de Campinas o centro

nevrálgico das operações na América Latina. Estamos integrando toda a operação: desenvolvimento, produção e logística”, afirmou o presidente da companhia para a América Latina, Cesar Alarcón.

O novo centro de distribuição tem 55 mil metros quadrados e está em fase de obras. A inauguração está programada para maio de 2025. Já o novo laboratório poderá desenvolver produtos para outros mercados. “No laboratório temos cerca de 200 engenheiros. Vamos exportar tecnologia e também projetos”, disse Alarcón. Ele ressaltou o empenho da filial do Brasil para superar

dificuldades que a empresa encontra na exportação, principalmente logísticas. “Hoje, ainda é competitivo exportar do Brasil, mas há espaço para melhorar. Temos um concorrente direto, o México, que tem condições logísticas melhores que nós. É vizinho dos Estados Unidos”, explicou o executivo.

OUTROS DADOS

O pneu é o sexto produto mais exportado pela Região Metropolitana, de acordo com o estudo do Observatório PUC-Campinas, com a soma de US\$ 156,1 milhões (R\$ 903,87 milhões) nos últimos 12 me-

ses. A primeira posição no ranking é ocupada por medicamentos (US\$ 330,23 milhões), depois tratores (US\$ 245,6 milhões), automóveis de passageiros (US\$ 221,16 milhões), óleos de petróleo ou de minerais betuminosos (US\$ 192,06 milhões) e partes e acessórios de veículos (US\$ 184,65 milhões).

Já os principais produtos importados são os agroquímicos, com o total de US\$ 1,92 bilhão (R\$ 11,11 bilhões) nos últimos 12 meses. Depois aparecem circuitos eletrônicos (US\$ 1,02 bilhão), compostos heterocíclicos exclusivamente de átomos de nitrogênio (US\$ 796,05 milhões), aparelhos telefônicos (US\$ 792 milhões), sangue humano e animal para uso terapêuticos e vacinas (US\$ 632,55 milhões) e ácidos nucleicos e seus sais (US\$ 545,53 milhões).

No acumulado dos dez primeiros meses de 2024, as exportações da RMC somaram US\$ 4,1 bilhões (R\$ 23,75 bilhões), queda de 11,35% em comparações de R\$ 4,62 bilhões (R\$ 26,74 bilhões) de igual período do ano passado. Já as importações totalizaram US\$ 13,48 bilhões (R\$ 78,1 bilhões) de janeiro a outubro, aumento de 8,7% em relação aos US\$ 12,41 bilhões de 2023. Com isso, o déficit da balança comercial ficou em US\$ 8,41 bilhões (R\$ 48,69 bilhões), alta de 7,82% na comparação com os US\$ 7,8 bilhões (R\$ 45,16 bilhões).

Segundo o estudo do Observatório PUC, os Estados Unidos seguem como o principal destino das exportações das

empresas da Região Metropolitana. Nos últimos 12 meses, foram US\$ 846,36 milhões (R\$ 4,9 bilhões), com participação de 17,19% do total. A Argentina apareceu na segunda posição, com US\$ 808,16 milhões (R\$ 4,67 bilhões), representando 16,41%. O estudo mostrou ainda nas cinco primeiras colocações o México (US\$ 357,93 milhões – 7,27%), Alemanha (US\$ 293,43 milhões – 5,96%) e Chile (US\$ 252,3 milhões – 5,12%).

A China é a principal origem das importações das empresas da RMC, com o total de US\$ 4,02 bilhões (R\$ 23,27 bilhões) em um ano, de outubro de 2023 a outubro de 2024, representando 25,44% do volume total. A vice-liderança é dos Estados Unidos, com US\$ 2,18 bilhões (13,83%). A terceira posição ficou com a Alemanha (US\$ 1,08 bilhão), vindo a seguir Índia (US\$ 742,89 milhões e Coreia do Sul (US\$ 719,5 milhões).

Para o economista Paulo Ricardo Oliveira, caso sejam adotadas medidas protecionistas pelo novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a partir de 20 janeiro próximo, quando toma posse, poderá haver impacto nas exportações da RMC. No entanto, ele disse enxergar uma oportunidade para o Brasil adotar uma política industrial para reduzir a dependência de importação de insumos importados. “Temos uma janela, um espaço para fazer política industrial para melhorar um pouco essa situação de dependência externa”, afirmou o pesquisador do Observatório PUC-Campinas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades Caderno: A Pagina: 4